

5

Considerações Finais – Do Ciclo Vicioso ao Ciclo Virtuoso

Neste trabalho ilustramos a transformação de um ciclo vicioso de exclusão e violência em um Ciclo Virtuoso de (Re)conhecimento. O ciclo vicioso se caracteriza pela circularidade de um processo marcado pela violência em diversos níveis. Dentro da escola, este ciclo envolve a estigmatização de alunos, provocando invisibilidade dos sujeitos e imobilidade de posições hierárquicas. A violência dos ambientes escolares está estampada na falta de cuidado com o ambiente físico, no desestímulo de professores, nas atitudes agressivas e não contidas dos alunos, na perpetuação de histórias de fracasso e abandono escolar. O ciclo de violência mantém a escola num lugar estático, impossibilitando-a de um repensar sobre suas práticas e de um diálogo com as transformações sociais. Especialmente em nossa cidade, a escola pública de ensino básico está voltada para os setores empobrecidos de nossa sociedade. O panorama descrito dificulta a realização da premissa nacional de igualdade no direito à educação e respeito ao ser humano.

No caso particular da Escola M., houve a possibilidade de uma ruptura no ciclo vicioso de violência a partir de pequenas mudanças ocorridas no cotidiano escolar, baseadas na maneira de se relacionar entre alunos e professores. O surgimento da Folia das Crianças aconteceu a partir de um movimento dos alunos no sentido de mostrar aquilo que sabiam e também um movimento dos educadores em acolher este conhecimento, esta tradição, como algo importante também dentro da escola. Esta atitude representa a valorização dos alunos, professores, funcionários e representantes da comunidade como sujeitos de conhecimento capazes de colaborar com o processo de formação.

Este primeiro passo – a expressão de um saber relacionado à cultura popular, à cultura dos alunos – pode ser visto como uma *tática* no sentido em que o termo é usado por Certeau, movimento inicial dos sem-voz, sem-lugar, sem-conhecimento ou reconhecimento; momento transformado em ocasião, garantindo uma nova trajetória no processo de escolarização.

A mudança na forma de olhar estas crianças causou um impacto imediato. Reconhecidas em suas habilidades, puderam também adotar uma nova postura dentro da escola e re-significar este ambiente. A disciplina necessária ao processo de ensino/aprendizagem formal passou a ser aplicada além de sua finalidade de docilização dos corpos e começou a ser entendida e vivenciada de uma nova forma: como respeito.

Assumindo a função de espelho integrador secundário, a escola permitiu a recuperação da auto-estima de crianças já tão prejudicadas em seus percursos escolares, conferindo-lhes a continuidade no sentimento de realidade de si mesmo, a confiança no ambiente e dotando suas vidas de um novo sentido e valor. Reconhecidos os alunos como sujeitos de saber, as dificuldades encontradas em seus processos de escolarização puderam assumir um caráter transitório, ou melhor, passível de superação.

Desta forma, a interrupção do ciclo de violência trouxe benefícios não só para os alunos como também para a instituição escolar, principalmente no que diz respeito ao cumprimento de suas funções básicas relacionadas à alfabetização, à socialização e na garantia aos alunos da possibilidade de mobilidade social. Assim, foi dado início ao Ciclo Virtuoso de Reconhecimento.

A rigidez antes presente nos corredores escolares cedeu lugar à criatividade. Criatividade nas tarefas, nas relações, nas soluções de problemas. Foi aberto o diálogo entre educadores e alunos, entre a comunidade e a Escola, permitindo a ampliação das relações intergeracionais e a renovação da Tradição. Parece que a escola foi também inaugurada como um espaço intermediário de experimentação, permitindo a relação contínua entre diferentes culturas, podendo ser vividas e apropriadas pelos sujeitos.

O contato com o novo, a aceitação das diferenças, o aumento da auto-estima permitiram a construção de um sentimento de confiança no ambiente, ampliando as possibilidades de percurso, não só escolares, dos alunos. As apresentações e os passeios culturais feitos através da escola mostraram e permitiram às crianças outros caminhos na cidade além daquele entre a casa e a escola. Novos interesses também foram descobertos ou receberam maior atenção na vida das crianças, principalmente a leitura, a escrita e a música. O caminho rumo à independência continuou a ser explorado a partir do estímulo à capacidade criativa e à reflexão.

A instituição escolar, quando permite a reformulação do olhar sobre os alunos, quando aceita e reconhece como valorosas suas expressões e se oferece como um espaço de criação, pode ser considerada como um ambiente suficientemente bom no sentido winnicottiano, acolhedor e firme. Proporcionando aos alunos a possibilidade de serem sujeitos capazes de trilhar caminhos rumo à independência, torna-se um lugar onde se experimenta o respeito, a cidadania, o exercício do pensar no lugar do repetir, o conhecimento como algo rico e prazeroso.

O Ciclo Virtuoso de Reconhecimento é inaugurado a partir de pequenas, porém significativas, mudanças dentro do ambiente escolar que ativam uma cadeia de ações positivas retro-alimentadas.

Desta forma, o lugar do psicólogo no contexto escolar é também renovado. Além de intervir no contexto escolar buscando a problematização das práticas na escola – da produção das dificuldades, do fracasso escolar, da medicalização – cabe também ao psicólogo participar ativamente do cotidiano e das dinâmicas escolares. Esta noção de participação relaciona-se à idéia de práxis, onde as ações cotidianas utilizam e renovam saberes, potencializando os espaços de reflexão e de criatividade. Além de intervir no contexto escolar buscando a problematização das práticas na escola – da produção das dificuldades, do fracasso escolar, da medicalização – cabe também ao psicólogo participar ativamente do cotidiano e das dinâmicas escolares, oferecendo escuta, reconhecendo e potencializando as diferenças, facilitando a criação de novas práticas e também evidenciando as táticas no cotidiano escolar que possuem a força de romper com estigmas e formas naturalizadas de ação, trazendo à tona os sujeitos nela presentes.

Se pensarmos na situação atual da educação no Brasil, apesar das dificuldades, podemos perceber que a obrigatoriedade do ensino faz da escola um ambiente institucional privilegiado em nossa sociedade: ela possui o potencial de formação de sujeitos, de cidadãos. Sendo assim, o psicólogo tem aí um lugar privilegiado.

A partir da reformulação de seu olhar, a Escola pode encontrar meios de se apresentar como um eficaz agente secundário de socialização, como um ambiente seguro e acolhedor. Alunos, muitas vezes somando em suas histórias pessoais fracassos na experiência escolar marcando com ela uma relação hostil, podem

passar a conhecer outras formas de se relacionar com este ambiente e com a sociedade.